

# Sugestão a Bresser: não ir já aos EUA

**MOISÉS RABINOVICI**  
Nosso correspondente

WASHINGTON — Para “enfrentar as feras” — que são os credores do Brasil, o FMI e o governo norte-americano — “será absolutamente indispensável que nossos negociadores se apresentem com primeiros resultados concretos da implementação do plano econômico”, concluiu a comissão especial do Senado sobre a dívida externa, que volta hoje ao Brasil para recomendar que o ministro Bresser Pereira não venha já aos Estados Unidos, como planeja, mas que espere um pouco mais.

Quer dizer que vocês vão propor que as negociações só comecem dentro de três meses, no mínimo?, perguntou a imprensa aos senadores Carlos Chiarelli, presidente da Comissão do Senado, e Virgílio Távora, ontem à tarde, na embaixada do Brasil em Washington. (Os outros dois senadores, Fernando Henrique Cardoso e Raimundo Lira, tinham há pouco abandonado a entrevista coletiva para “um compromisso importante”. “Pode haver contatos, para medidas protetórias. Mas negociações, não. Elas têm que ser substanciais. Temos que vir com munição”, disse Chiarelli. “Val ser preto no branco”, acrescentou Virgílio Távora.

Esta é a conclusão da comissão do Senado?

“A negociação será o sucesso do Plano. Os seus resultados, assim que possam ser avaliados, abrirão a porta definitiva. Sentimos o clima. Verificamos as alternativas. Testamos determinadas fórmulas. Já transmitimos certas informações para o Brasil. Temos consciência de que se o plano der resultado será muito melhor para chegarmos a

alternativas que nos liberam de compromissos formais e tradicionais.”

O senador Virgílio Távora ficou surpreso em descobrir quanto o Brasil tem de recursos retidos: “Só no Banco Interamericano de Desenvolvimento temos US\$ 1,4 bilhão, esperando por contrapartida. E, no Banco Mundial, quase US\$ 4 bilhões. Para liberá-los, precisaríamos de 225 a 250 bilhões de cruzados. E isto, neste momento, elevaria muito o déficit”.

A comissão também ficou com a certeza de que “não há nada de dramático: os bancos não vão cortar linhas de curto e de curtíssimo prazo que mantêm o comércio exterior e os bancos brasileiros de Nova York funcionando”. O senador Fernando Henrique Cardoso repetiu que ficou muito claro que o Brasil não vai ao FMI, mas que talvez o FMI venha ao Brasil, e que o Banco Mundial deverá ter um papel maior e mais ativo no financiamento da dívida. Para ele, “sentimos certas diferenças entre a posição do sr. Baker (o secretário do Tesouro dos Estados Unidos) e o sr. Volcker (o presidente do Banco Central Norte-Americano). O sr. Baker é muito mais restritivo. Mas não discutimos a parte de pagamento da dívida ao FMI”.

Os últimos acontecimentos no Brasil, como o quebra-quebra no Rio, teriam vindo à tona em algum dos contatos dos senadores em Washington? “Não. Ninguém nada nos perguntou”, disse Fernando Henrique.

A comissão especial do Senado sobre a dívida externa foi ontem para Nova York, de onde parte hoje de volta ao Brasil. Antes da viagem, os senadores vão almoçar com os representantes do comitê dos bancos credores do Brasil.